

PÚBLICO ESPECIAL TERÁ FINAL FELIZ

CINEMAS SERÃO OBRIGADOS A OFERECER CONDIÇÕES PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL E AUDITIVA

PAULO HENRIQUE SILVA

Para dialogar com o mercado, nada melhor do que os números. E quando estamos falando em milhões de possíveis consumidores "carentes de recursos acessíveis", como salienta a professora e produtora cultural Lívia Motta, não há motivo para realizadores, distribuidoras e exibidores de filmes recusarem um final feliz.

Depois de muitas discussões e adiamentos, a **Agência Nacional de Cinema** anunciou, na quinta-feira, instrução normativa que obriga as salas comerciais do país a oferecer, num prazo de dois anos, condições para que pessoas com deficiência visual e auditiva possam ver um filme na mesma sessão de outros espectadores.

CUSTOS

O temor de parcela dos empresários sobre o custo dessa adequação é irreal, de acordo com Lívia, professora doutora em Linguística Avançada que realiza eventos culturais com audiodescrição. "(O custo) será muito pequeno se consideramos o tamanho desse público", enfatiza, ao destacar que 25% da população brasileira têm algum tipo de deficiência.

"O público é enorme, se considerarmos que, além de pessoas com deficiência visual e auditiva, há ainda aqueles com deficiência intelectual e idosos, que também irão se beneficiar dos recursos", registra Lívia, que ajudou a implantar o primeiro curso de especialização em audiodescrição do Brasil, na Universidade Federal de Juiz de Fora.

Para Lívia, a questão da acessibilidade "não tem mais volta", comemorando a importante vitória conquistada com a publicação da instrução normativa 128/2016. "Os produtores que já realizaram eventos para esse público sabem de seu potencial e sempre querem repetir a experiência", afirma a professora, que recentemente fez o trabalho de audiodescrição para o DVD do filme "Meu Amigo Hindu".

INCLUSÃO

A vitória, endossa Livia, é sobre um sistema que impedia, por exemplo, pessoas a assistirem a um filme que acabou de ser lançado nas telonas. “A gente sabe como a arte pode ser transformadora e inspira-dora. Era muito triste ver uma pessoa morta de vontade de ver um filme aguardado e não poder ir, excluído de um produto que tanto quer ir”.

Quando promove seus eventos culturais, a produtora, que é mineira de Ita-jubá, gosta de ficar num canto escuro da sala, observando as reações da platéia. “Elas são iguais aos outros, com risadas, lágrimas, surpresa e espanto. É muito emocionante e nos faz pensar quantos detalhes deixam de apreender por falta de recursos de acessibilidade”, descreve.